

"Toda a situação no Afeganistão é quase uma cópia exata de STARSHIP TROOPERS" - (Paul Verhoeven, pág. 8)

Jonathan Harris (1914-2002)

Morreu aos 87 anos de idade, em Los Angeles, o ator que personificou um dos vilões mais queridos de toda a história da TV: Jonathan Harris, imortalizado como o Dr. Smith de "Perdidos no Espaço".

Parte da popularidade de Harris no Brasil pode ser creditada ao seu dublador, o impagável comediante Borges de Barros, que personificou o Mendigo Milionário na "Praça da Alegria". Com sua voz *fake* e o bordão "Oh, dor!", Barros foi elogiado por Harris, em uma visita ao Brasil:

"Acho que o meu dublador é um grande artista. Se outros filmes meus forem exibidos no Brasil, quero que ele faça a minha voz", afirmou.

Harris, que era formado em Farmácia, deixou viúva, um filho e dois netos.



Antecipando o Amanhã

BRIEF NEWS 2000

Out./Nov./Dez. 2002 - Ano V, Número 4

Uma Brasileira

É o Brasil chegou lá. Uma brasileira, morena como toda brasileira típica do Rio de Janeiro, e, além do mais com o nome artístico de Morena, é uma das atrações de "Firefly", a nova série de Joss Whedon, o criador de "Buffy".

Esta é a primeira vez em que uma das nossas - uma BRASILEIRA - chega ao horário nobre da TV americana numa série de FC de primeira linha. Não importa aqui se o papel que ela faz na tela é aquele que o turismo sexual atribui à muitas brasileirinhas de menor sorte: o de prostituta. Inara, a personagem de Morena Baccarin, é muito mais do que isso; é uma espécie de gueixa de alta classe, num mundo futuro onde sua profissão é reconhecida, e reverenciada.



Portanto, parabéns pelo seu sucesso e pela luta de Whedon em manter seu papel social chegou lá. E com você, todos nós, que torcemos "Firefly" no ar.

LEIA MAIS NA PÁG. 6

Também nesta edição:

AMOR E DESTROÇOS ESPACIAIS	3
SUPERMAN VIVE! (FINAL)	5
MEDIA BREAK	10

Editorial

Adeus, Ano Velho!

Dizem as más línguas que 2003 não será um ano novo, mas um ano velho recauchutado por FHC para uso do presidente eleito, Lula. Sabemos nós das imensas dificuldades que aguardam o novo presidente e na qualidade de brasileiros, tenhamos votado ou não no candidato do PT, é necessário que concedamos a ele um tempo mínimo necessário, para que comece a implantar a sua estrutura de governo e nos diga ao que veio. Quanto tempo deverá durar esse "mínimo", só o bom senso poderá responder. Todavia, que ninguém espere soluções milagrosas para problemas que se arrastam à décadas, sem solução. Agora, mais do que nunca, a paciência será uma virtude...

O ano que ora finda não passou em brancas nuvens. O "Brief News" ganhou sítio próprio, e teve sua edição em PDF disponibilizada para qualquer pessoa que possua acesso à Internet. E eu redescobri, aos 40 anos de idade, que ainda sei escrever... contos. Agora que enviei minhas colaborações para a SLEV e o Intempol, posso afirmar que, sem sombra de dúvida, a vida começa aos 40!

Até a próxima edição e um Feliz Ano Novo!!!

Alexis B. de Lemos

Gary Numan, um Alienígena em Cena

electronicmusic.com: recentemente, no circuito de música eletrônica, tinha uma máquina DAT ronronando em algum lugar do palco. Você encara o uso de trilhas de acompanhamento pré-gravadas como parte de montar um show nestes dias ou as bandas com mais de dois membros deveriam tentar fazer um pouco mais ao vivo?

Gary Numan: Realmente, eu tenho um estúdio de 24 canais, que em breve será atualizado para 32 canais. Eu uso um gravador de fita de duas polegadas (Otari MX-80), um console de 72 canais e um sistema principal de disco rígido baseado em Macintosh. Eu também tenho um gravador de CD que me foi muito útil recentemente, enquanto procurava por uma nova gravadora e mandava CDs demo. Estou pensando em converter todo o meu estúdio para o sistema Otari Radar no próximo andar. No momento, eu estou usando Logic como seqüenciador, no Mac.

e.c.: Que equipamentos você está atualmente levando consigo em turnê?

G.N.: Dois caminhões de 12 metros cheios de material para a GB, embora a maioria dele seja lâmpadas. Não muito no que tange a teclados. Um Alesis Quadrasynth, um Roland D-50, um Korg M1, um Roland DX800, eu creio (é do Ade Oranges, não meu), um ou dois racks montados D-550, um Korg M1R. E é tudo. Eu uso um AMS DDL e Reverb para o som de frente. Eu não sou um fã de velhos sintetizadores, longe disso. **e.c.:** Quase todo show ao vivo a que assisti

sons e efeitos. Considero que isso é um compromisso aceitável.

e.c.: Quando você excursionar pelos Estados Unidos e eventualmente parar em Seattle (!!) você teria interesse em alugar uma aeronave por um par de horas e apreciar a incrível paisagem daqui?

G.N.: Quando eu voo ao redor do mundo em 81, nós paramos fora de Seattle e eu pude ver bastante da paisagem. Foi incrível. Também vivi em Vancouver por algum tempo, que não fica muito distante, e fiz lá sobrevôos suficientes. A verdade é que quando eu estou em turnê, cada segundo de cada dia é contado e eu não consigo ver outra coisa que não seja hotéis, pontos de encontro e a paisagem entre estes dois. Por exemplo, fui à Toronto diversas vezes, mas nunca fui às cachoeiras. Dei a volta ao mundo duas ou três vezes, mas, com exceção da volta ao mundo especial que fiz em meu pequeno avião, não vi virtualmente nada de nada dele. Seria bom ter algum tempo vago para olhar mais à volta e conhecer pessoas, mas nunca parece funcionar desse modo.

e.c.: Observei que você tem um website realmente extenso, cheio de informação! Você não adoraria ser capaz de ultrapassar a "National Radio One" britânica quando ela anuncia um novo álbum seu para o mundo?

G.N.: Se fosse possível. Somente um fã ardoroso de Gary Numan teria paciência para sentar e esperar pelos bocadinhos do meu som de arrastando via Internet. Todavia, adoro a Internet e trabalho em meu sítio **N u W o r l d** (www.numan.co.uk) sozinho.

Conclui na página 5

Expediente

BRIEF NEWS

Caixa Postal 19000 - CEP: 20220-970 - Rio de Janeiro - RJ

Publicação de distribuição gratuita (limitada aos exemplares disponíveis)

Editado por

Alexis Bernardo de Lemos (ab.lemos@ig.com.br)

(0XX21)2231-0717 (24 horas)

Site: www.briefnews.kit.net

Créditos dos Textos Originais:

"Gary Numan, Um Alienígena em Cena", © 1997-2002 by Paul Clark, Electronicmusic.com -

"Amor e Destroços Espaciais", © 2002 by Julia Seraya - "Apenas Verhoeven", © 2002 by

Robbert Blokland - "Uma Brasileira", © 2002 by Rob Walton (Playboy.com)

Demais textos e traduções:

Alexis B. Lemos

Todas as fotos e ilustrações de terceiros publicadas neste fanzine, são para divulgação.

A reprodução desta edição é permitida, desde que efetuada na íntegra.

Relacionamentos e romance tem um lugar entre as estrelas?

Se você que está lendo isso fôr uma mulher, ou um homem que esteja ligado à uma - ou que ao menos conheça uma mulher - então você sabe que todas nós, garotas, temos alguma coisa com romance, e um monte de nós estão procurando um relacionamento.

Preferivelmente um que sobreviva depois da primeira ejaculação!

Em nosso pequeno planeta, e em nosso tempo presente, a vida na Terra para cada um, parece girar em grande extensão, em torno da interminável procura de homem por mulher - ou homem por homem, mulher por mulher. Amor é isso, estamos todos procurando por aquele alguém especial com quem gozar os anos do porvir, enquanto submergimos em seus olhos e nos comprazemos em seu abraço.

A pedra angular da existência humana, algo que poderia ser eximido do pensamento, parece ser o amor.

Dado que para alguns homens ele é a caça e a conquista de interação sexual, como todas as mulheres, deixei um número substancial daqueles bastardos no monte de lixo da rejeição e das caras esbofeteadas.

Mas, dando um tempo nos emocionalmente retardados entre nós, muito da vida é gasto na procura de amor e sexo.

Por muitas décadas, o debate tem sido algo feroz, nas comunidades de sociologia e antropologia. Nosso impulso para encontrar aquele alguém especial é uma necessidade emocional, ou um simples imperativo biológico que buscamos geneticamente para assegurar a perpetuação

Amor e Destroços Espaciais

© 2002, Julia Seraya. Reprinted under permission by The Galactican FanZine

da espécie?

Também existe a discussão: o amor é uma construção emocional ou simplesmente uma interação de elementos químicos que criam uma reação eufórica que todos chamamos amor?

Em certa medida, a discussão foi resolvida. O amor é uma reação química. Mas mesmo a ciência concorda que há mais lá do que isso - seja ele todos os sutis feromônios, ou talvez algo mais profundo e mais espiritual.

Como tudo isso se reflete na pseudo-realidade da ficção científica?

Bom, de vez em quando é o que ocorre, porém mais freqüentemente não, pelo menos não muito bem.

É isso o que a ficção científica está perdendo? É isso o que a ficção científica precisa para obter sucesso em atrair um público maior? Vamos dar uma olhada.

"Battlestar Galactica" tinha um certo número de temas centrais, mas em um nível mais pessoal, alguns destes temas eram amor. Antes que eu mergulhe nisso, tenho realmente de admitir uma falha pessoal nessa tentativa de análise. Eu sou mulher, o que significa dizer que eu assisto esses programas a partir dessa perspectiva, e, para mim, amor é algo importante. Tentei me dissociar disto - mas eu não posso, é a minha perspectiva. Enquanto você estiver lendo o que eu escrevi, tenha isso em mente e talvez possa me dar um "feedback". Eu adoraria ver como os homens percebem isso!

OK, obrigado... e de volta para a prancheta de desenho.

Parte da atração para mim, e para um monte

de amigas que cresceram comigo assistindo "Battlestar Galactica", era o romance entre Apollo e Serina, Apollo e Sheba, e Starbuck e Athena/Cassiopeia.

O florescente romance entre Apollo e Serina foi particularmente bonito, e a cena da morte em "Lost Planet of the Gods" foi fantasticamente tocante. A influência subjacente do seu amor através dos primeiros dois episódios (num total de cinco episódios de uma hora) foi particularmente encantador. Starbuck e Athena, e seu amor estilo montanha-russa, era agradável, divertido, e também algo trágico. Aquela cena em "Saga of a Star World" onde Starbuck tenta expôr seus sentimentos por Athena, e a inabilidade dela em aceitar estes sentimentos, porque a vida de todos eles tinha sido destruída, foi

pessimamente escrita e questionavelmente interpretada por todos os envolvidos, mas pelo menos havia realismo no episódio - mesmo se fôr uma desculpa pelo exibicionismo daquela incrível figura, Maren Jensen! Os patéticos avanços de Starbuck sobre Cassie, porque ele estava confuso sobre Athena, aconteceu com muitas de nós na vida real. A reação de Athena, quando ela vê Starbuck e Cassie nos tubos de lançamento, foi incrivelmente real e motivada pela insanidade que todas nós já sentimos e que é criada por sentimentos verdadeiros bem no nosso interior - mesmo quando, como com Athena, nós não entendemos realmente estes sentimentos.

Se nós nos deslocarmos do amor

romântico para um amor mais familiar, temos a absoluta devoção de Adama por suas crianças. Sua preocupação silenciosa quando Zac morre, o conforto que ele tenta dar à uma dilacerada Athena depois que ela vê seu irmão caçula explodir em partículas girantes de luz, suas constantes expressões de pesar toda vez que Apollo saía em missão...

O amor de Adama por seus dois filhos sobreviventes, e de fato, por toda a frota de refugos da humanidade, impele a série inteira para a frente, diferentemente de qualquer outra série de ficção científica, passada e presente.

E tudo isso só no primeiro episódio! Tivemos isso em "Jornada nas Estrelas"? Não. Tivemos o amor de Kirk por sua nave, e a devoção por sua tripulação, mas isso nunca foi apresentado de forma tão real para a audiência.

Tivemos isso em "Star Wars"? Sim. Em dois filmes de "Star Wars", e ambos são criticamente aclamados por público e crítica: "Star Wars Episódio V - O Império Contra-Ataca" e "Star Wars Episódio II - Ataque dos Clones". O amor de Leia e Han se torna um tema central e determinante no Episódio V, elevando o drama para um nível superior. O amor de Padmé e Anakin no Episódio II impulsiona a história inteira e molda toda uma galáxia! O veredito ainda está em formação sobre o Episódio II, mas à respeito do Episódio V, o veredito tem sido, por quase vinte anos, o do filme mais maduro, bem sucedido e central da trilogia original.

Você tem isto em "Farscape"? Em certo sentido, mas nada perto do que é expressado em "Battlestar Galactica". O tipo de amor liga-desliga de John e Aerin, no estilo Mulder/Scully, não se

compara às emoções intensas reveladas nos primeiros poucos episódios e em alguns subseqüentes de "Battlestar Galactica".

E sobre as continuações e antecipações da "Jornada das Estrelas" original? Não totalmente, mas eles o fizeram bem três vezes e, em minha honesta opinião, isto acrescenta ao desdobramento do drama - particularmente em "Deep Space Nine". Miles e Keiko concretizaram um relacionamento realístico, e para dar aos produtores, roteiristas e atores de "Deep Space Nine" seu merecido louvor, eles o fizeram bem. Quando necessário, isso acrescenta ao drama, mas sua dádiva mais importante é adicionar realismo ao show como um todo. Isto é seguido de perto pelo amor de Worf e Dax, e o fim apoteótico que esse amor tem nas mãos de Gul Dukat. Tudo isso é obscurecido pelo amor constante que ocasionalmente nos foi permitido ver entre Sisko e Jake. Para mim, este amor tornou-se um dos pontos de definição da série, e um processo constante que elevou o drama muitos níveis acima. Isso me lembrou dos bons velhos dias de "Battlestar Galactica".

Quando atravessamos as séries para "Voyager" e "Enterprise", encontramos apenas um relacionamento realístico, Tom Paris e B'Lanna Torres. Mas encontramos dois amores muito críveis e imperativos: o de Tom e B'Lanna, e o de Janeway por sua tripulação. Para mim, "Voyager" funcionou por causa do amor extraordinário, dedicação e sentimentos de culpa de Janeway por sua tripulação. Quando algum dos tripulantes morria, ela ficava desconsolada. No encerramento, ela arriscou

tudo para voltar no tempo e quebrar a Diretriz Primária, para retornar sua tripulação, intacta em sua maior parte, de volta à Terra, e dar ao Borg um golpe incapacitante. "Enterprise" nunca teria funcionado se, por sete anos, o amor de Janeway por sua tripulação não tivesse sido tão i n c a n s a v e l m e n t e enfatizado.

"Enterprise" não tem nada como isso. E sofre por esta falta. Emocionalmente, "Enterprise" é bidimensional. Não há nada lá em que você possa cravar os dentes. Por quê nos preocupamos com estes personagens? Devemos nos preocupar com estes personagens? Na verdade, não.



Starbuck, Athena e Cassiopeia: desencontros entre as estrelas

Quando comparamos "Enterprise" e seu primeiro ano com o primeiro ano de "Star Trek: A Nova Geração", vemos impressionantes omissões que os roteiristas já deveriam ter aprendido. Dado que o primeiro ano de "A Nova Geração" tinha alguns problemas, mas nós tínhamos a tensão constante entre Picard e Crusher quanto ao amor secreto à tempos mantido por Picard, e sobre o falecido marido de Beverly. Tivemos o início de flerte entre Yar e Worf, antes de Yar ser morta. Havia a constante tensão entre Troi e Riker quanto ao seu relacionamento fracassado

e a esperança de Deanna em salvá-lo. Havia relacionamentos reais na nave, e assistimos à dedicação de Picard para sua tripulação crescer, como ocorreu com Janeway.

Eu não duvido do amor de Archer por sua nave e tripulação, mas ele não é algo notável. Se isso decorre da atuação de Bakula ou por uma falha dos roteiristas, eu não posso dizer, só não está lá, como nas espetaculares, impressionantes atuações de Stewart e Mulgrew.

Stewart e Mulgrew, em minha opinião, estavam no mesmo nível de Lorne Greene em sua habilidade de demonstrar muita emoção sem dizer uma única palavra.

temporada até seu fim. Isto está ligado intimamente e espelhado no lado oposto do espectro, por Ivanova e Marcus Cole. Adicionado à mistura, estão Mollari e Adira, a devoção e o amor de Franklin por seu trabalho, o estranho relacionamento entre Mollari e suas três esposas, e a paixão cega de Zack por Lyta.

De forma bem sucedida, "Babylon 5" usa o amor para nos conectar aos personagens, porque Joe Michael Straczynski entende que é dessa forma que nós, seres humanos, funcionamos. Através de "Babylon 5", JMS mostra uma incrível percepção das motivações humanas.

Teríamos nós nos preocupado tanto pelo sucesso das estações contra as Sombras, se não fosse pelo amor e dedicação mútuos de John e Delenn? Teríamos nós sentido a perda de Ivanova tão profundamente, se Marcus não tivesse ficado tão completamente apaixonado por ela? Teríamos nos empolgado tanto por Zack, como nos empolgamos, se não fosse por sua atração por Lyta, que todas nós percebíamos como "Ei! Eu também estive nessa!" Teria Londo sido uma figura tão trágica e heróica, se não fosse por suas muitas tragédias de cunho amoroso?

O show teceu o realismo da vida através dele, com o mesmo sucesso de "Battlestar Galactica".

"Babylon 5", "Star Trek: Deep Space Nine", "Star Trek: Voyager" e em certa medida, "Star Trek: A Nova Geração", se graduaram bem na escala de avaliação de "Battlestar Galactica".

Se voltarmos para trás até a estréia da série original, "Battlestar Galactica" conseguiu algo que programas de ficção científica tem tentado fazer com sucesso por anos - ela

atraiu uma audiência fora dos aficionados de ficção científica, e seduziu um vasto número de espectadoras, em oposição aos usuais espectadores maiores de 13 anos.

A moderna ficção científica pode ter feito do amor nada mais que outro pedaço de destroço espacial flutuante, mas se os roteiristas modernos de ficção científica tiverem miolos, eles irão perceber que para que nós, o público, ame seus shows, precisamos sentir completamente os personagens. Todos já estivemos onde Athena e Marcus e Zack estiveram. Todos experimentamos os altos e baixos em relacionamentos que Deanna, Riker, Paris, Torres, Miles e Keiko sentiram, todos procuramos pelo amor que John e Delenn e Apollo e Serina sentiram.

Podemos nos relacionar. Não estamos só buscando efeitos visuais espetaculares, estamos buscando realismo emocional. Um programa poderia ter os melhores gráficos por computador e efeitos visuais do mundo, e ainda assim falharia tragicamente sem amor.

Para citar os Beatles - "All you need is love" ("Tudo o que você precisa é amor"). Não é por isso que escrevemos tantas canções sobre ele?

Espero que Ronald Moore esteja escutando, e enquanto ele busca reimaginar um clássico, seria melhor que retirasse ensinamentos de onde realmente as coisas foram feitas direito! *



Capitã Kathryn Janeway

Gary Numan (Final)



Isto por vezes significa que ele não é atualizado tão freqüentemente quanto eu gostaria, porque não tenho tempo suficiente para fazê-lo. Todavia, penso que isso dá um certo charme de produção caseira para pessoas que visitam o sítio sabendo que cada palavra, figura, logo, botão e etc, foi criado e codificado por mim. Quanto a ultrapassar a "Radio One", penso que a Internet tem um longo caminho a trilhar antes de poder começar a desafiar aquela instituição em particular. O que a Internet fez por mim, foi colocar os fãs ao redor do mundo em contato. Penso que por muitos anos, alguns fãs de Gary Numan se sentiram como uma voz perdida e solitária no deserto. A Internet começou a colocar todas estas vozes em conjunto e ajudou a introduzir algumas novas ao longo do caminho. O contador do meu NuWorld foi de cerca de 30 por dia em fins de 95, para algo em torno de 400 este mês. É um aumento fantástico em dois anos, algo que só pode ser creditado ao crescimento geral da própria Internet. *

Gary Numan, que irá completar 25 anos de carreira em Fevereiro de 2003, é um dos poucos astros pop a ter seu próprio fanzine, o *newsletter* trimestral "Alien", cuja direção foi recentemente

assumida pelo jornalista Steve Malins. Apesar do título, a publicação nada tem a ver com extraterrestres ou FC (cuja influência em sua música, Numan relega aos primeiros anos de sua carreira - e mesmo assim, sem lhe atribuir a importância que muitos fãs acreditam ter). "Alien" é voltado basicamente para cobrir o trabalho de Numan, suas turnês, álbuns em andamento e grupos e artistas ligados direta ou indiretamente à ele. Para eventuais interessados no Brasil, a assinatura anual custa £18 (18 libras - o sítio não informa o valor em euros), e o endereço de correspondência é: ALIEN. PO Box 14, Staines, Middlesex. TW19 5AU. United Kingdom. *

Superman Vive!

O foguete parte, e o Senador consegue que sua esposa fuja, com o auxílio de uma criatura chamada Taga (descrita como uma tartaruga gigante, sem casco). Segundos depois, os dróides entram na sala e Jor-EI é capturado, espancado, e levado à presença de Kata-Zor e seu filho, Ty-Zor. Kata-Zor diz que Jor-EI está louco, se acredita mesmo que a Profecia irá se realizar. Que irá descobrir onde o foguete foi. E que irá matar Kal-EI. Alguém diz que

o foguete pode ter ido para milhares de lugares, ao que o tirano retruca: "ENTÃO MANDEM MILHARES DE HOMENS!"

O prólogo kryptoniano termina com milhares de sondas de pesquisa sendo lançadas para além do sol vermelho. Todas procurando pelo paradeiro de Kal-EI.

A música sobe (quem sabe, não teremos John Williams de novo) e então corta para...Smallville.

Graças a Deus, não mexeram com Martha e Jonathan Kent. Eles estão tomando café, numa bela manhã, quando subitamente, alguma coisa cai do céu bem no campo, ao lado da casa deles. A cápsula não bate no chão e abre uma cratera, como seria de esperar, mas, pausa, e, em seguida, dirige-se diretamente para a cozinha dos Kent, parando bem debaixo da janela do casal.

Eles pegam Kal-EI e, imediatamente, descobrem que ele é, bem... fora do comum. Afinal, bebês não voam. Este, sim. Começa aí um longo aprendizado para o kryptoniano, basicamente sobre o que ele pode - mas não deve - fazer. Os Kent sabem que seu filho adotivo não deve chamar atenções indevidas. Algumas vezes, contudo, não dá para evitar: aos seis anos de idade, Clark quase mata de pancada um brutamontes que se engraçou para o lado de Martha.

Aos 14 anos, tentando descobrir com sua visão de raio-X o que os pais lhe darão de presente de Natal, Clark acha algo muito mais interessante num esconderijo: um recipiente de metal prateado. Quando aberto, revela uma substância vermelha que não parece líquida ou sólida, e que, subitamente, PULA fora e adquire uma forma em pleno ar: a tradicional roupa do Superman.

Conclui na pág. 7

QUEM É ELA?

A beleza ítalo-brasileira de Morena Baccarin, uma novaiorquina de 23 anos de idade oriunda do Rio de Janeiro, prende nossos olhos como Inara, uma venerada trabalhadora do sexo, no novo e aclamado "faroeste espacial" da Fox TV, "Firefly", passado 800 anos no futuro. Filha de uma atriz sul-americana de teatro e TV [*Vera Setta*], Morena mudou-se com sua família para Greenwich Village quando ela tinha 10 anos, e mais tarde participou da Escola Secundária LaGuardia para Artes Dramáticas (a escola de "Fama"), antes de entrar para o programa de teatro da Juilliard, onde Wes Bentley foi seu colega de classe.

O QUE ELA FÊZ?

Recém saída da faculdade, Morena conseguiu seu primeiro papel cinematográfico em "Perfume", a improvisada comédia do mundo fashion, com Rita Wilson, Carmen Electra, Kylie Bax e Mariel Hemingway. À isto seguiu-se um papel principal no grande sucesso do festival de cinema, "Way Off Broadway". Pouco antes de ir para Los Angeles, Morena apareceu na aclamada produção de "A Gaiivota" no Central Park, com Natalie Portman. "Firefly" é o seu primeiro programa de TV.

POR QUÊ EU DEVERIA ME IMPORTAR?

Esta atriz morena e bela, atira a imaginação como uma cortesã nobre na televisão. Ela tem a aparência e o talento para fazê-lo no palco e na tela, e possui miolos para convencer.

Playboy.com: Você atuou com Natalie Portman e era a substituta para o seu papel na produção de "A

Uma Brasileira



Gaiivota" no Central Park, ano passado. Alguma história sobre Natalie?

Morena Baccarin: Nós papeamos um pouco. Ela é uma garota muito, muito agradável, muito esperta. Ela tem um grande coração. Ela é uma "mãe postiça" para cachorros, antes de eles serem adotados, então às vezes eu tinha de bancar a ama-seca dos cachorros enquanto ela estava no palco.

PB: Agora que você está estrelando um programa de ficção científica, conversou com ela sobre seu papel em "Star Wars", como Princesa Amidala?

MB: Não, não conversei. Enquanto estávamos fazendo "A Gaiivota", não previ que eu também estaria no espaço. Conversei com ela sobre fazer aquilo e como tinha sido. Ela disse que era muito intenso, em termos de roupas e tudo o que você tinha de usar. Agora, eu posso entender, mas eu

penso que as minhas são mais um pouco mais fáceis.

Eles são muito simples, mas eu tenho de usar as roupas mais exóticas e interessantes que possa imaginar.

PB: Em "Firefly", você interpreta Inara, uma "acompanhante" ou trabalhadora do sexo altamente reverenciada, melhor comparada à uma cortesã do que a uma prostituta. No programa, acompanhantes são universalmente respeitadas e elas escolhem seus parceiros. Você acha que esta é uma atitude esclarecida do futuro?

MB: Eu penso assim. Eu penso que poderia ser algo muito interessante porque de certo modo, ela é baseada numa gueixa. Há um monte de cerimônia e história que provêm de ser esta personagem. Elas dizem que as gueixas são mantenedoras da tradição, e Inara tem um sentimento

muito antiquado por ela. Ela foi à uma academia de acompanhantes, uma escola de treinamento, quando criança, onde aprendeu diferentes linguagens e diferentes instrumentos. Muito culta. Parece que ela é a mantenedora de uma velha tradição num mundo onde tudo é tão rápido e relativo à sobrevivência, e é mais sobre satisfazer os sentidos e as artes. É tão divertido.

PB: Qual é o código de comportamento de Inara?

MB: Ela não se deita com ninguém da tripulação da nave. Isso seria ruim. Há essa coisa chamada de Banco de Dados das Acompanhantes, onde um cliente coloca o seu nome. Eu olho nele e pego e escolho muito cuidadosamente quem escolherei para ser meu cliente. Você começa a ter sempre os mesmos clientes porque você os conhece, e é mais honorável deste jeito.

PB: Que tipo de pesquisa você fez para o papel?

MB: Sempre fui fascinada por gueixas. Eu li aquele livro, "Memórias de uma Gueixa", e realmente o adorei, e há outro livro chamado "Gueixa: A Vida, as Vozes, a Arte" com belas imagens de gueixas no Japão de hoje. Justo agora, eu estou lendo um livro sobre legalização da prostituição. Eu estou muito curiosa sobre isso, por que eu não estou certa de como me sinto à respeito. Há os prós e os contras. Existem argumentos muito estranhos e interessantes. O argumento é que isso pode limpar sua associação com o tráfico de drogas, se fosse legalizada. Por exemplo, lugares como Mustang Ranch parecem ser como um ambiente muito controlado. Mas também é bizarro, por que me parece que as mulheres lá realmente não vivem como pessoas comuns. Elas estão confinadas

àquele espaço e são objetos.

PB: Você era uma grande fã de ficção científica antes deste programa?

MB: Não, eu realmente nunca assisti a programas de ficção científica. Mas, de fato, eu amei "Star Wars".

PB: Como "Firefly" se compara à "Jornada nas Estrelas" ou "Star Wars"?

MB: Eu poderia considerá-lo mais similar à "Star Wars", exceto pelos alienígenas. Não temos alienígenas no programa. É mais próximo do lado humano de "Star Wars", onde você têm o interesse amoroso, e você têm pessoas de quem não gosta, mas com as quais têm de trabalhar.

PB: O aspecto do programa é menos estéril do que em "Jornada nas Estrelas", também.

MB: [Nossa espaçonave] *Serenity* é um transporte bem usado. De certo modo, é muito romântica e sexy. É num futuro onde a Terra desapareceu. Quando a Terra ainda estava lá, a China tornou-se a grande potência mundial, e assim há um monte de influência chinesa. Nós falamos chinês, de vez em quando.

PB: Na vida real, você fala português também?

MB: Sim, eu falo, embora há algum tempo eu não vá ao Brasil.

PB: "Morena" é um nome português?

MB: Sim, significa "brunette" ou "tawny".

PB: O que os seus pais fazem?

MB: Minha mãe é atriz no Brasil. Ela é bastante famosa agora, especialmente com os "Monólogos da Vagina", que ela têm feito nos últimos dois anos. É um grande sucesso lá. Meu pai é um editor de notícias para a televisão brasileira. Eu tenho um irmão caçula, que não é ator, graças à Deus. Ele está agora na universidade em Nova York, estudando projeto gráfico, artes gráficas e

escultura. Ele é realmente um artista.

PB: Alguém escreveu sobre seu filme "Way Off Broadway": "Brad Beyer e

Morena Baccarin são o casal mais charmoso à chegar à tela desde Tom Cruise e Renée Zellweger".

Como você contabiliza isso? MB: Foi o segundo filme que eu fiz depois da escola. Havia um grande diretor e um grande elenco - a química estava toda lá. Foi um grande papel para mim, por que ela era uma jovem atriz que havia acabado de se formar e estava tentando se firmar. Seus amigos eram artistas ou escritores, e ela estava lutando com esse negócio. Ela se apaixonou pelo seu melhor amigo.

PB: Então, é baseado na sua vida real?

MB: Grandemente.

PB: Você se apaixonou pelo seu melhor amigo?

MB: Na época, eu havia acabado com alguém e terminei me apaixonando pelo [ator coadjuvante] Brad Beyer. E ainda estamos juntos, o que é bom. Ele acaba de terminar um episódio de "Hack", o novo programa de David Morse.

PB: Qual é a sua paixão?

MB: Adoro ler. Sou uma leitora ávida, poesia, ficção, não-ficção. Acabo de terminar "Guns, Germs and Steel", que é basicamente a história do mundo nos últimos 13000 anos. É tão interessante. Eu adoro filmes, principalmente filmes antigos, por que parece que nesses filmes antigos você pode aprender muito, não somente sobre gerações, mas sobre interpretação também.

PB: Qual é o seu filme favorito de todos os tempos?

MB: Definitivamente, "O Piano" vêm antes de "Casablanca". Você diria que eu sou uma romântica incurável? "Assassinos Por Natureza" é um dos meus favoritos, filmes favoritos. Oh, Deus, como eu amo filmes. O que eu vi recentemente e

que amei foi "Lúcia e o Sexo". Foi incrível. É um dos filmes mais eróticos jamais feitos.

PB: Quais são as cenas de filmes mais eróticas realizadas?

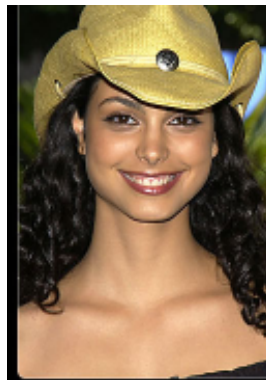
MB: Uma é "Il Postino", com a poesia nela. Não é realmente uma cena de amor; ele só está olhando para ela e está dizendo esses poemas sobre como "seu sorriso rasteja como uma borboleta". É tão sexy e bonito, e ela começa a rir. Num filme recente, "Infel", a cena onde Diane Lane e Oliver Martinez ficam juntos pela primeira vez, e ela está tremendo - aquilo é tão intenso.

PB: Qual foi a coisa mais romântica que um cara já fez por você?

MB: Meu namorado disse, "Venha até a minha casa às 7:30". Na porta, havia um cartaz que dizia, "Alô. Bem vinda ao spa do amor". Eu abri a porta e ele havia iluminado com velas o apartamento inteiro. Ele me conduziu com pétalas de rosas até a banheira, e leu poesia durante o banho. E depois nós tivemos esta maravilhosa refeição de três pratos na sala de jantar, à luz de velas, e ele me trouxe uma torta vegetariana.

PB: O quê não está no seu currículo, e por qual razão?

MB: Tenho a sorte de poder dizer que tenho uma carreira muito jovem. Não penso que já tenha tido tempo de fazer alguma coisa realmente ruim. Embora eu esteja certa de que alguém achará algum teste dramático, ou algo assim. *



Superman Vive! (Final)

A roupa, no tamanho adulto, fica de pé, a capa ondulando no ar, como se estivesse sendo vestida por um homem invisível. Quando Clark a toca com o dedo, ela SUGA as suas roupas e o puxa para dentro dela. Naturalmente, ainda é grande demais para ele, mas Clark está disposto a estreá-la assim mesmo. Ele corre, ele pula, e finalmente decola. Superman voa pela primeira vez, mas a aterrissagem é forçada: sem saber controlar seus poderes direito, ele pousa de cabeça - e destrói um trator. Isso bem na frente de Martha e Jonathan, que acabavam de chegar em casa...

Não há como fugir da verdade. Os Kent tem de lhe dizer que não são seus pais biológicos. E que ele tampouco nasceu na Terra. Confuso e chateado, ele tira o uniforme e corre para fora. Olhando para o céu estrelado, começa a se perguntar de onde veio... e quem realmente é.

A resposta como sabemos, será bastante dolorosa... *

Nostalgia

"O CONSTRUTOR DE UNIVERSOS"

(The Maker of Universes)

PHILIP JOSÉ FARMER

Argonauta 161

Robert Wolff é um sessentão com um passado misterioso, casado com uma megera. Um belo dia, ouve o som de uma trombeta e descobre uma passagem para um universo particular, governado por um "deus" e habitado por criaturas mitológicas e exóticas, onde poderá reencontrar a sua juventude perdida e a chave para desvendar o seu próprio passado. É um Farmer para adolescentes em estado puro... *

RB: A agitação de GLADIATOR não foi motivo suficiente para tirar CRUSADES da geladeira?

PV: Este poderia ter sido o caso, mas não aconteceu. Realmente, eu não tenho nada mais que ver com o projeto. Na época, eu estava envolvido com a Carolco, mas Arnold tem os direitos agora e ele pode fazer com ele o que quiser.

RB: Mas você gostaria de fazê-lo?

PV: [breve silêncio] bom, eu nunca ouvi nada sobre ele. Eu não sei se Arnold quer fazê-lo, ou se ele quer fazê-lo comigo. Eu o vi pela última vez quando ele fez o áudio-comentário para o DVD de TOTAL RECALL, mas nós nunca realmente discutimos isso. A única coisa que eu sei é que Ridley Scott está desenvolvendo algum tipo de projeto Cruzadas.

RB: E sobre ALEXANDER?

PV: Ah! Penso que existem de vinte à trinta pessoas que querem fazer ALEXANDER.

RB: Incluindo você?

PV: Claro. Mas eu só quero fazer um filme sobre Alexandre, baseado no romance de Louis Couperus. Penso que o único grande romance sobre a vida de Alexandre, é ISKANDER de Couperus.

RB: Hummmm... então você está desenvolvendo isso à sério?

PV: Bom, vamos só dizer que eu estou relendo seriamente o romance. Estou buscando maneiras de transformá-lo num filme. Mas ele é definitivamente um dos meus romances favoritos em todos os tempos. É simplesmente fantástico. Não são só guerreiros batendo nas cabeças uns dos outros, mas é realmente sobre pessoas.

RB: Então pessoas de verdade são mais importantes para você e seus filmes?

PV: Bom, mais importante... certamente, com Alexandre, elas são. Com FANDORIN,

Apenas Verhoeven (Final)

Por Robbert Blokland

o aspecto-suspense e o aspecto-época são mais importantes. Um filme de suspense, certamente, tem outros pontos fortes além dos de um filme épico sobre Alexandre, o Grande. Couperus realmente tentou entender as motivações de Alexandre e qual era sua relação psicológica com a mãe de Darius. Então, é sobre pessoas, e todas as monumentais cenas de batalha estão ao seu serviço.

RB: Mas você realmente nunca fez um filme sobre pessoas de verdade nos Estados Unidos?

PV: Hummmm... bom, BASIC INSTINCT é sobre pessoas...

RB: Você nunca sentiu a necessidade de fazê-lo?

PV: Eu nunca tive a oportunidade de fazê-lo!

RB: E agora você tem?

PV: Penso que FANDORIN está em algum lugar no meio, existem todos estes grandes personagens, mas basicamente é uma história de detetive e uma história de aventura. É como Tin-Tin, Sherlock Holmes, Floris e Indiana Jones em um só.

RB: Mas você sente a necessidade de fazer filmes sobre personagens humanos ou não?

PV: Não, quero dizer, não só sobre personagens humanos. FANDORIN não é só sobre pessoas, BATAVIA'S GRAVEYARD é.

RB: Então não vai ser um PERFECT STORM [Mar em Fúria] passado em 1700?

PV: Não, vai ser mais como um LORD OF THE FLIES [O Senhor das Moscas], passado em 1628. Se você quiser simplificar tanto assim.

RB: E sobre Hitler?

PV: Não estou trabalhando nele no momento.

RB: Por quê? Não era o seu projeto dos sonhos?

PV: É... bom, talvez eu apenas não esteja pronto

para ele ainda.

RB: Vai ser o seu SCHINDLER'S LIST [A Lista de Schindler]?

PV: Eu não sei. Ainda tenho que encontrar a maneira certa de fazê-lo, eu acho. Se você quer fazer um filme da vida de Hitler, você acaba terminando com um filme de oito horas, no mínimo. E você precisará de um bom ângulo, e eu não o encontrei ainda.

RB: Você está com 63 agora... você crê que já fez sua obra prima?

PV: Penso que é errado pensar em termos de obras primas. É fatal para sua criatividade pensar "ei, vou fazer minha obra prima agora". Você apenas deve fazer o que gosta. A história escreve obras primas, não o momento em si mesmo. RB: Os críticos ainda pegam no seu pé?

PV: Certamente, eles pegam no pé, não dá pra escapar disso. A menos que você não leia nenhuma resenha, e eu sei que existem diretores que as evitam completamente, não querem ouvir nada a respeito delas. Eu sempre leio as resenhas. E de fato, é irritante e doloroso quando elas esculhambam com seu filme. Mas algumas vezes, e isso é ainda pior, você sabe que elas estão certas. Críticos podem quebrar você, pelo menos por um momento, eles podem abalar você, fazê-lo duvidar de si mesmo. Especialmente se 99 por cento dos críticos escrevem o mesmo tipo de resenha, e eles podem. Penso que é estúpido para um artista evitar qualquer tipo de crítica. Elas não são fatais, você sabe. Elas podem contrariá-lo, mas você se restabelece com o tempo. Talvez eles não tenham conseguido entendê-lo, talvez as coisas só não tenham sido inteiramente

boas, mas de qualquer jeito, isso não vai lhe impedir de fazer outro filme.

Pegue STARSHIP TROOPERS, grande exemplo, provavelmente a declaração mais política que jamais fiz. Cinco anos atrás, a maioria dos críticos e s c u l h a m b o u completamente esse filme. Me chamaram de nazista, dizendo que eu estava idolatrando Leni Riefenstahl [a cineasta favorita de Hitler, citada visualmente, aliás, em "Star Wars: Episódio II"]. Agora, essa imagem mudou completamente. Um monte de pessoas vê agora que o filme é sobre os Estados Unidos. Toda a situação no Afeganistão é quase uma cópia exata de STARSHIP TROOPERS; toda a mentalidade irresponsável de bombardear tudo, detonando as forças Talibans em suas cavernas. Eu coloquei tudo isso em STARSHIP TROOPERS! A atmosfera corrompida de propaganda, outrora inventada por Goebbels, agora tomou conta também dos Estados Unidos. É extremamente interessante ver como a mídia pode sítar uma nação inteira com propaganda.

RB: Você deliberadamente pretende chocar com extrema violência nos seus filmes?

PV: Eu gosto de mostrar as coisas como elas são. Eu não evito nada.

RB: Mas você faz porque pode...

PV: Não é realmente uma motivação ou qualquer coisa. Bom, talvez SEJA uma motivação quando um filme não sai do jeito que eu queria. Eu realmente queria fazer mais em HOLLOW MAN, me aprofundar mais no personagem Sebastian em um nível psicológico, mas a história não permitia fazê-lo. Então, se ele TEM que ser um arrasa-quarteirão, prefiro atingir meu público do modo mais impactante possível; quero dizer, também tenho de me

divertir um pouquinho, né?

RB: Bom, em *TURKISH DELIGHT* [*Louca Paixão, Holanda, 1971*] você mostrou Rutger Hauer vomitando num espelho...

PV: Aquilo estava no romance de Jan Wolkers! Wolkers também não se furta a coisa alguma. Ele também é uma daquelas pessoas que mostram a realidade como ela é.

RB: Você se encara como um produtor de filmes "fantásticos"?

PV: Você quer dizer, como em filmes de fantasia? Não. Mas, é, eu fiz um monte deles.

RB: Então você nunca fez isso conscientemente?

PV: Não, muito pelo contrário. Apenas aconteceu das coisas tomarem este rumo. Isso começou nos Estados Unidos, e eu nunca fui realmente capaz de me libertar destes filmes. Penso que o estigma-FC de algum modo grudou em mim. Tentei quebrar esse estigma com filmes como *BASIC INSTINCT* e *SHOWGIRLS*; o primeiro saiu-se muito bem, o segundo foi consideravelmente bem menos sucedido. Mas o material que me enviaram depois que fiz *ROBOCOP*, era todo ficção científica e voltado para ação e é quase impossível se livrar disso. Você é rotulado, como os atores.

RB: Então, é só uma coincidência que Paul Verhoeven tenha feito quatro grandes filmes de ficção científica?

PV: Sim, porque, francamente, nem fã de ficção científica eu sou! Pra te falar a verdade, eu odeio ficção científica! O roteiro do *ROBOCOP* realmente já estava na minha lata de lixo quando minha esposa me persuadiu a dar outra olhada nele. E foi só quando eu reconheci certos elementos que me lembraram *TOM POES IN THE LAND OF THE TIN MEN*, uma de minhas histórias em quadrinhos favoritas, que comecei a ver alguma graça no roteiro e no filme.

RB: Mas se você não quer fazer filmes de FC, você pode simplesmente não fazê-los. Por quê você não disse: "Não, eu não quero fazer *TOTAL RECALL*", ou "Não, eu não quero fazer *HOLLOW MAN*"?

PV: Porque todos os outros projetos que me foram enviados eram ainda piores! Mesmo que *TOTAL RECALL* fosse um filme de FC, ainda era muito melhor do que as outras bostas que me mandaram. Existem três filmes americanos aos quais sou leal: *ROBOCOP*, *BASIC INSTINCT* e *STARSHIP TROOPERS*. O resto foi consideravelmente pior.

RB: *Showgirls*? Em retrospectiva?

PV: Hummmm... Esse realmente não foi um bom filme, não. Tinha uma história ruim. Embora eu tenha gostado do modo como foi filmado.

RB: Então você o fez somente por seu impacto potencial?

PV: Não... Eu apenas estava sob a impressão de que a história poderia ser melhor, de que poderia realmente funcionar, mas a história revelou-se muito pretenciosa, muito simplista e muito transparente.

RB: E você só percebeu isso enquanto o estava filmando?

PV: Não, só agora, olhando para trás. Mas eu ainda gosto do filme, penso que a história foi bem filmada.

RB: Mas quando o filme foi lançado, você o defendeu ferozmente...

PV: Claro, e era desse jeito que eu via o filme então! Em retrospecto, deveria ter sido um assassinato misterioso Hitchcockiano, um assassinato misterioso em Vegas. Eu deveria ter usado toda aquela nudez e brutalidade e toda aquela idéia-de-sexo-como-arma de um jeito melhor. De modo algum o enunciado do filme foi entendido quando ele foi lançado.

RB: Perdão... enunciado?

PV: Sim, é melhor vender tetas do que miolos. Quero dizer, é mais decente vender seu corpo em Vegas, do que vender seus miolos para, digamos, a indústria do tabaco. Essa indústria mata milhões de pessoas todo ano, e os críticos queixam-se de um par de tetas! Mas eu deveria ter me protegido melhor. Se eu tivesse empacotado a mensagem num assassinato misterioso, acontecido num clube barato de *strip tease*, teria funcionado muito melhor. Eu deveria ter feito isso. Teria feito um filme muito mais interessante.

RB: Isso acontece freqüentemente com você, de recordar seus filmes e pensar "Eu DEVERIA ter feito isso, ou DEVERIA ter feito aquilo"?

PV: Não, só tive um problema com *SHOWGIRLS*. E, olhando de volta para meus filmes holandeses, talvez *KEETJE TIPPEL*.

RB: *WAT ZIEN IK? (DIARY OF A HOOKER - 1971)*?

PV: Não, não é esse. Esse filme consistia de todas estas histórias curtas, e a idéia global era mais ou menos impossível de filmar de qualquer jeito. Haviam todas estas histórias curtas de três páginas sem qualquer estrutura dramática, era um inferno! Mas penso que finalmente obtivemos sucesso, e ainda o apóio por isso. De *KEETJE TIPPEL* eu não gosto, podia ter feito um trabalho melhor nele. Eu até sei agora o que deveria ter feito diferente; construir a história de outro jeito, expandir o personagem da garota um pouco mais, um monte de coisas. Eu penso que *KEETJE TIPPEL* foi ofuscado pelo sucesso de *TURKISH DELIGHT*. Não fui capaz de me livrar dele. Pelo menos, não antes de fazer *SOLDIER OF ORANGE* [*Soldado de Laranja, Holanda, 1979*]. Olhando para trás, *KEETJE* foi algo como uma oportunidade perdida. Penso que eu era jovem demais para ele naquela época. Eu era completamente obcecado por sexo, assim, um monte dos reais motivos não foram bem mostrados.

RB: *HOLLOW MAN*?

PV: Não, eu realmente não penso que poderia ter feito nada melhor. Não havia nenhum jeito de termos feito a história diferentemente. Fomos condenados a ficar naquele laboratório; se tivéssemos levado o homem sem sombra para fora, os herdeiros literários de H.G. Wells estariam esperando por nós. Nós não podíamos fazê-lo, não nos era permitido fazê-lo. Era mais ou menos a mesma história: se ele tivesse dado um passo para fora, um exército de advogados estaria pronto para nos engaiolar.

RB: Então por que você não contou isso quando mais ou menos todo mundo reclamou do final?

PV: Não, você não pode fazer isso! Você não pode ferrar seu próprio filme na estréia.

RB: A Columbia não poderia ter lhe dado permissão?

PV: Bom, eles poderiam. Só que não foi feito, você sabia? Você não pode sair por aí alardeando que teve restrições ou por quê teve estas restrições. Você não deve dizer que queria fazer o filme de um jeito diferente, que você realmente queria fazer um final diferente ou isso ou aquilo. Isto não é leal quando você está promovendo um filme. As pessoas investem algo como cem milhões de dólares num filme como esse. Você não pode andar por aí dizendo coisas como "caras, desculpem pelo final, eu realmente queria ter feito diferente".

RB: Mas, dois anos mais tarde é permitido?

PV: Com certeza, mais tarde não tem problema. O filme

foi feito, faturou algum dinheiro, então depois está certo. Mas, quando um filme está para ser lançado, não deve-se ferrar com ele, não é limpo. Como Joe Eszterhas [roteirista deste filme e também de *BASIC INSTINCT*] fez na estréia de *SHOWGIRLS* dizendo "não gosto nem um pouquinho dele, porque Elizabeth Berkley está uma droga no filme", enquanto antes disso, ele insistia continuamente que o filme iria ser ótimo; penso que isso é ridículo. Também penso que é detratório; como um capitão, você não abandona o seu navio quando ele está afundando. Essa é a razão pela qual eu peguei meus Razzies naquele ano [referência ao prêmio "*Framboesa de Ouro*", concedido aos piores do ano em *Hollywood - uma espécie de anti-Oscar*]. Creio que fui premiado sete vezes, e eu colecionei cada um deles; filme, direção, atuação, roteiro, sei lá. Você deve suportar as conseqüências que vem com a liberdade de se tomar certas decisões. Você não deveria arriscar sua autenticidade dizendo coisas como: "certo, mas não é realmente o que eu queria fazer". Você deveria dizer: "sim, é o que eu queria dizer", ou, ao menos, admitir que você realmente tomou aquela decisão e que você quer defender seu filme por causa dela.

RB: Neste domingo, você participou de um simpósio sobre filmes fantásticos nos Países Baixos. Você tem uma teoria sobre o por quê de filmes fantásticos não serem feitos na Holanda?

PV: Sim; porque é simplesmente impossível para uma pessoa sã fazer um filme decente aqui.

RB: Você é supervisor de criação em *SOLDIER OF ORANGE 2*?

PV: Não, não sou. Se Rob [Houwer, o produtor de *SOLDIER OF ORANGE*] precisar de alguma ajuda,

terei a maior satisfação em auxiliá-lo. Mas eu realmente não estou envolvido.

RB: O que você pensa sobre o projeto?

PV: Bom, eu ainda não li o roteiro. Pelo que eu sei, Jean van de Velde [o diretor de *SOLDIER OF ORANGE 2*] ainda o está escrevendo. Não sei se é prudente fazê-lo; você sabe, continuações são sempre algo decepcionantes. Sempre me recusei a fazer continuações, não importa quão freqüentemente me peçam. *SOLDIER OF ORANGE 2*, *ROBOCOP 2*, *ROBOCOP 3*, *ROBOCOP 4*, *TOTAL RECALL 2*, *SHOWGIRLS 2*...

RB: *SHOWGIRLS 2*?

PV: Pode acreditar, haviam planos para um *SHOWGIRLS 2*! Seria chamado *BIMBO'S*... Joe e eu o discutimos seriamente num ponto. Quando o filme tomou o rumo que tomou, nós fizemos um esboço para uma continuação, só por brincadeira. Joe veio com o título: *BIMBO'S: NOMI GOES HOLLYWOOD*. Mas ninguém quis fazê-lo...

RB: E se eles te oferecerem um grande roteiro de ficção científica nos Estados Unidos?

PV: Vou fazê-lo imediatamente, com certeza! Se eu pensar "bom, é ficção científica, mas a história é ótima!", jogarei todos os meus atuais projetos europeus borda à fora sem pensar duas vezes. Quero dizer, você tem que estar aberto ao desconhecido, correto? Você nunca deveria deixar que os planos na sua cabeça guiassem sua vida.*



PÁSSAROS FERIDOS: *Nemesis* da franquia mais popular da história da ficção científica.

DINOTOPIA - A SÉRIE: Depois dos belos livros de James Gurney, sobre uma família que naufraga numa ilha onde dinossauros e seres humanos convivem pacificamente, a rede ABC levou ao ar, no último dia 28/11, um piloto de duas horas de duração para sua série de TV "Dinotopia". No piloto, Frank Scott (Michael Brandon) e seus filhos, Karl e David (Erik von Detten, Shiloh Strong), caem com seu avião na ilha. Enquanto tentam se adaptar à realidade da nova terra, descobrem uma

conspiração desenvolvida por um grupo de rebeldes, que se utilizam de um estranho amuleto para controlar tiranossauros e pteranodontes. Karl e David, por sua vez, lutam para impedir que o plano tenha êxito. Finalmente, apesar do nome de Gurney, a série aparentemente não lhe faz justiça: os dinossauros gerados em computador parecem mais bisonhos do que, digamos, os da velha série "Land of the Lost", que se utilizava do vetusto método de "stop-motion".

OUTRO DO CRICHTON: mais uma vez, Michael Crichton têm um de seus *best-sellers* convertidos em filme. A bola da vez é o intrigante "Timeline", sobre um grupo de estudantes de arqueologia que têm de viajar no tempo para resgatar seu professor (Bill Connolly), que desapareceu em algum lugar da Idade Média. Dirigido pelo veterano Richard Donner, atrasada, provavelmente nem teríamos história para cenas de ação, belas locações e um elenco razoável, talvez um tanto prejudicado em seu desenvolvimento pelo grande número de personagens.*